




A comunicação para além das palavras: linguagem multimodal e interações na educação infantil

Communication beyond words: multimodal language and interactions in early childhood education

La comunicación más allá de las palabras: lenguaje multimodal e interacciones en la educación infantil

 Thaís Rodrigues Miranda Martello¹

 Cleide Vitor Mussini Batista²



Resumo: O objetivo deste trabalho é demonstrar como os bebês, que ainda não se comunicam verbalmente, participam ativamente da relação com as professoras em instituições de educação infantil. Este trabalho investiga a comunicação de bebês em instituições de Educação Infantil, com foco na linguagem multimodal, que é a combinação de gestos, olhares, vocalizações, movimentos corporais e uso de espaço e objetos. A partir da psicanálise, da linguística multimodal e dos estudos de Parlato-Oliveira (2019; 2022; 2024; 2025), este estudo reconhece o bebê como sujeito linguageiro desde os primeiros meses de vida, em que a comunicação antecede e sustenta a fala verbal. Esta pesquisa se baseou em observações qualitativas registradas em diário de campo ao longo de 2025, analisando três episódios representativos: o corpo que antecede a fala; o gesto como construção de sentido compartilhado; e a escuta do silêncio e da ausência de resposta verbal. Cada episódio evidencia a riqueza das interações multimodais e a importância da escuta sensível por parte dos profissionais, os quais transformam gestos, silêncios e movimentos em experiências significativas de vínculo e aprendizagem. Os resultados destacam que reconhecer e acolher a linguagem multimodal contribui para constituir a subjetividade, desenvolver a linguagem e criar ambientes educativos mais afetivos, inclusivos e interativos. Com isso, este trabalho reforça a necessidade da formação profissional que valorize a escuta atenta e a interpretação das múltiplas formas de comunicação do bebê, reafirmando sua condição de sujeito ativo na Educação Infantil.

Palavras-chave: bebê linguageiro; linguagem multimodal; educação infantil; escuta sensível.

Abstract: The objective of this study is to demonstrate how infants, who do not yet communicate verbally, actively participate in relationships with teachers in early childhood education institutions. This work investigates the communication of babies in Early Childhood Education institutions, focusing on multimodal language, which is the combination of gestures, looks, vocalizations, body movements and the use of space and objects. Based on psychoanalysis, multimodal linguistics and studies by Parlato-Oliveira (2019; 2022; 2024; 2025), this study recognizes the baby as a language subject from the first months of life, in which

¹ Mestranda em Psicanálise Universidade Argentina John F. Kennedy (UK), Buenos Aires, Argentina. Professora na Prefeitura Municipal de Londrina e Psicanalista (Instituto Lalangue), Londrina, PR, Brasil. E-mail: thaïs.rm.d@hotmail.com

² Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil e Psicanálise pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. Diploma Universitário (DU) – Le Psychique face a la Naissance pela Université Paris Cité, Paris, França. Professor associado do Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil. E-mail: cler@uel.br



communication precedes and sustains verbal speech. This research was based on qualitative observations recorded in a field diary throughout 2025, analyzing three representative episodes: the body that precedes speech, the gesture as a construction of shared meaning and the listening to silence and the absence of verbal response. Each episode highlights the richness of multimodal interactions and the importance of sensitive listening on the part of professionals, who transform gestures, silences and movements into meaningful bonding and learning experiences. The results highlight that recognizing and embracing multimodal language contributes to constituting subjectivity, developing language and creating more affective, inclusive and interactive educational environments. Therefore, this work reinforces the need for professional training that values attentive listening and interpretation of the baby's multiple forms of communication, reaffirming their condition as an active subject in Early Childhood Education.

Keywords: language baby; multimodal language; early childhood education; sensitive listening.

Resumen: El objetivo de este trabajo es demostrar cómo los bebés, que aún no se comunican verbalmente, participan activamente en la relación con las maestras en las instituciones de educación infantil. Este trabajo investiga la comunicación de los bebés en las instituciones de educación infantil, centrándose en el lenguaje multimodal, que es la combinación de gestos, miradas, vocalizaciones, movimientos corporales y uso del espacio y los objetos. A partir del psicoanálisis, la lingüística multimodal y los estudios de Parlato-Oliveira (2019; 2022; 2024; 2025), este estudio reconoce al bebé como sujeto lingüístico desde los primeros meses de vida, en los que la comunicación precede y sustenta el lenguaje verbal. Esta investigación se basó en observaciones cualitativas registradas en un diario de campo a lo largo de 2025, analizando tres episodios representativos: el cuerpo que precede al habla, el gesto como construcción de sentido compartido y la escucha del silencio y la ausencia de respuesta verbal. Cada episodio pone de manifiesto la riqueza de las interacciones multimodales y la importancia de la escucha sensible por parte de los profesionales, que transforman los gestos, los silencios y los movimientos en experiencias significativas de vínculo y aprendizaje. Los resultados destacan que reconocer y acoger el lenguaje multimodal contribuye a constituir la subjetividad, desarrollar el lenguaje y crear entornos educativos más afectivos, inclusivos e interactivos. Con ello, este trabajo refuerza la necesidad de una formación profesional que valore la escucha atenta y la interpretación de las múltiples formas de comunicación del bebé, reafirmando su condición de sujeto activo en la Educación Infantil.

Palabras clave: bebé lingüista; lenguaje multimodal; educación infantil; escucha sensible.

1 Introdução

No cotidiano das instituições de Educação Infantil, especialmente nos berçários, desenvolve-se uma intensa e constante atividade comunicativa que, muitas vezes, permanece invisível aos olhos menos atentos. Embora os bebês ainda não utilizem a linguagem verbal de forma estruturada, eles se comunicam desde o nascimento, por meio de gestos, olhares, sons, movimentos corporais e expressões faciais. Essas manifestações constituem o que se denomina de linguagem multimodal – um sistema semiótico complexo que organiza sentidos a partir da combinação simultânea de múltiplos modos de expressão.

Reconhecer e acolher essas linguagens exige uma escuta sensível e atenta dos profissionais da Educação Infantil. Não se trata apenas de garantir o cuidado físico ou o bem-estar imediato, mas compreender o bebê como sujeito ativo na construção de vínculos, significados e experiências compartilhadas, mesmo antes de adquirir a fala verbal. Nesse sentido, a linguagem multimodal emerge como um campo fundamental para qualificar as práticas pedagógicas e ampliar o entendimento da comunicação nos primeiros anos de vida, quando cuidado e aprendizagem se entrelaçam profundamente.

A partir disso, colocam-se algumas indagações: as professoras e os demais profissionais da creche reconhecem, de fato, o bebê como sujeito ativo na construção de vínculos e sentidos? A

escuta da linguagem do bebê é considerada em sua especificidade e complexidade ou tende a ser reduzida a um estágio preparatório para a fala verbal? Diante dessas indagações, este trabalho se estrutura, com foco sobre as interações cotidianas entre professoras e bebês em uma turma de berçário.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como os bebês, que ainda não se comunicam verbalmente, participam ativamente da relação com as professoras em instituições de educação infantil. A importância desta pesquisa se justifica ao considerar muitas práticas e teorias que descrevem o bebê como sujeito passivo do desenvolvimento nos primeiros meses de vida.

Para investigar como as interações multimodais contribuem para o desenvolvimento da linguagem e a constituição das relações afetivas, foram selecionados três episódios significativos, registrados em diário de campo ao longo do ano de 2025. Os episódios foram escolhidos devido à riqueza expressiva, por evidenciarem diferentes formas de comunicação dos bebês: o corpo que antecede a fala, o gesto como construção de sentido compartilhado e a escuta do silêncio e da ausência de resposta verbal.

Neste percurso, articulamos fundamentos teóricos da psicanálise acerca da constituição do sujeito e da linguagem com observações qualitativas do cotidiano da creche. Assim, buscamos compreender como corpo, voz, olhar e ambiente se entrelaçam na produção dos primeiros diálogos do bebê com o outro, revelando as potências e os limites da escuta dos adultos responsáveis pelos cuidados e pela mediação das experiências.

Esse contexto de educação e cuidados requer que se pense em propostas pedagógicas capazes de contemplar além das dimensões de cuidado, as outras formas de manifestação e inserção social próprias das crianças nesse momento da vida. Desse modo, as propostas pedagógicas precisam considerar as especificidades da atuação profissional e orientar para um trabalho educativo que considere, e valorize as diferentes linguagens utilizadas pela criança na sua expressão e comunicação com o meio a qual se insere (Garanhanil; Naldony, 2011, p. 68).

Este trabalho propõe-se a dialogar com o campo da Educação Infantil na perspectiva que valoriza a comunicação não verbal e a linguagem multimodal. Com isso, aponta para a necessidade de repensar práticas pedagógicas que reconheçam, na multiplicidade de gestos e expressões, o lugar de protagonismo do bebê na relação com o outro e o mundo.

2 Método

Para realizar as observações, as autoras contaram com os registros sistemáticos produzidos por uma professora de Educação Infantil com 10 anos de experiência em sala de aula, atuante em contexto de berçário. A docente possui formação inicial em Pedagogia e Psicologia, além de especializações em Psicoterapia Psicanalítica, Psicopedagogia e Educação Especial e

Inclusiva, o que contribuiu para uma escuta qualificada das manifestações comunicativas dos bebês e a elaboração cuidadosa dos registros em diário de campo.

Os episódios analisados envolvem três bebês do sexo feminino: duas com dez meses e uma com onze meses de idade no período das observações. As interações entre as bebês e a professora ocorreram ao longo de aproximadamente seis meses, permitindo o acompanhamento dos vínculos construídos, das transformações nas formas de comunicação e da emergência de expressões multimodais cada vez mais complexas.

As observações foram realizadas em diferentes momentos da rotina institucional, ao decorrer de um período diário de cerca de cinco horas, durante cinco dias da semana. Esse recorte possibilitou contemplar situações variadas de cuidado, brincadeira, alimentação e interação espontânea, favorecendo uma compreensão ampliada das dinâmicas comunicativas no cotidiano do berçário.

Para a análise, foram selecionados episódios marcados por manifestações sutis da linguagem dos bebês — que exigem um olhar atento e uma escuta sensível por parte do adulto. Privilegiaram-se situações em que gestos, olhares, silêncios, vocalizações e movimentos corporais demonstram o esforço do bebê em se comunicar e estabelecer laços com o outro, mesmo na ausência da linguagem verbal estruturada. A escolha metodológica reforça a compreensão do bebê como sujeito ativo, cuja comunicação se expressa de forma multimodal e demanda interpretação cuidadosa no contexto da Educação Infantil.

3 O bebê linguageiro

A comunicação com os bebês nas instituições de Educação Infantil não pode ser compreendida apenas sob a ótica da linguagem verbal. E, portanto, “adotamos a premissa de que a língua não ocupa uma instância apenas de fala” (Nóbrega; Cavalcante, 2012, p. 470). Muito antes da fala articulada, os bebês já se comunicam de forma ativa, por meio de gestos, olhares, vocalizações, expressões corporais e pelo uso do espaço e dos objetos. Essa forma de expressão que articula diferentes modos de produção de sentido se denomina linguagem multimodal.

Laznik-Penot e Cohen (2011) propõem uma escuta clínica que reconhece no bebê um sujeito que se comunica desde os primeiros meses de vida, mesmo antes da fala articulada. Para os autores, a comunicação inicial do bebê ocorre por intermédio de múltiplos modos expressivos — olhares, gestos, vocalizações, ritmos corporais e entonações — que coexistem e se articulam de forma sensível. Então, os adultos compreendem como manifestações de desejo, desconforto, prazer ou necessidade.

Segundo Laznik-Penot (2013), a linguagem verbal não nasce do zero, mas se constitui a partir de uma rede de significações corporais e sonoras que já estruturam o psiquismo infantil. O gesto de buscar o rosto do adulto, os balbucios ritmados, o modo como o bebê chora ou silencia —

tudo isso é carregado de sentido e pede interpretação. Dessa forma, Laznik-Penot (2013) destaca que a linguagem do bebê “excede a fala”, e a escuta clínica deve incluir essas expressões multimodais, valorizando desde muito cedo o bebê como interlocutor.

Laznik-Penot (2021) também chama atenção para o papel do adulto na construção da linguagem. Ao responder a essas manifestações com palavras, gestos ou entonações — especialmente o que a autora chama de *mamanhês* (fala infantilizada e marcada por variações melódicas) —, o cuidador legitima a comunicação do bebê e ajuda a transformar esses sinais primários em experiências simbólicas. Com isso, prepara o terreno para o surgimento da linguagem verbal.

Do ponto de vista da psicanálise de Lacan (2009), a linguagem é constitutiva do sujeito, pois o sujeito é falado antes mesmo de falar: ele é inserido na ordem simbólica a partir do desejo do Outro. Assim, mesmo o bebê que ainda não articula palavras já está envolvido em um campo de significação, no qual seu corpo é o primeiro suporte da linguagem. Esse corpo falante, como demonstram Laznik-Penot e Cohen (2011), expressa desejos, afetos e marcas de subjetividade desde os primeiros meses de vida, por meio de vocalizações, gestos e reações sensoriais às interações com o outro.

Laznik-Penot (1997) enfatiza que o bebê não está isolado em seu mundo biológico, mas é, desde o início, interpelado pelo desejo do Outro. A forma como esse desejo é comunicado — pelo tom de voz, pelo toque, pelo ritmo das ações — compõe um campo multimodal que prepara o bebê para entrar na linguagem verbal. Portanto, esse processo é relacional e requer uma escuta ativa por parte do adulto.

Na mesma direção, Parlato-Oliveira (2022; 2024) destaca que o bebê é um sujeito linguageiro desde o início da vida, pois a comunicação acontece em múltiplos registros que ultrapassam a fala. Ao investigar as interações de bebês em contextos de Educação Infantil, a autora evidencia que o olhar, o gesto e o ritmo da voz constituem diálogos que sustentam os primeiros laços sociais. Segundo a autora, as instituições educativas que reconhecem o bebê como sujeito de linguagem transformam o cuidado cotidiano em experiências de interlocução nas quais a criança se insere como parte ativa da construção de sentidos.

Parlato-Oliveira (2022) também introduz o conceito de escuta sensível às manifestações multimodais, ao propor que educadores desenvolvam a capacidade de interpretar o que ainda não está formalizado na palavra, mas já anuncia a constituição da subjetividade. Assim, o cotidiano da creche não deve ser visto apenas como espaço de cuidados físicos, mas como um campo de práticas de linguagem, onde os adultos são convocados a responder os bebês como parceiros de diálogo.

Ávila-Nóbrega e Cavalcante (2012) reforçam essa ideia com o conceito de intercompreensão para descrever a capacidade de adultos e crianças construir significados em conjunto, mesmo sem a linguagem verbal. Essa noção é especialmente relevante para o trabalho com bebês, pois

reconhece trocas de sentidos nas interações multimodais cotidianas, como o olhar sustentado, o gesto de oferecer um brinquedo ou a entonação da voz durante o cuidado.

Portanto, a escuta do bebê exige das professoras uma sensibilidade que ultrapassa a linguagem falada. Como argumenta Parlato-Oliveira (2022; 2024), a clínica com bebês — e, por extensão, o cuidado educativo — acontece na escuta dos gestos, do choro, das pausas e dos silêncios, ou seja, é multimodal. Cada uma dessas expressões carrega uma dimensão subjetiva que precisa ser acolhida e interpretada como parte do processo de constituição do sujeito.

Na prática institucional, essas interações ganham contornos ainda mais complexos. No estudo sobre o brincar de bebês com histórico de sofrimento psíquico, Souza *et al.* (2019) observam que o corpo, o espaço e os objetos funcionam como mediadores simbólicos da comunicação, mesmo em situações de impedimento da fala. Isso evidencia que o psiquismo se constrói também pela via da experimentação multimodal, e não apenas pelo discurso verbal.

No campo da educação, Garanhani e Nadolny (2011) ressaltam que a linguagem do movimento e do corpo na educação de bebês é essencial não só para o desenvolvimento motor, mas também para a expressão simbólica e emocional. O corpo que se move, reage e interage é também um corpo que comunica e, ao ser escutado, sente-se reconhecido.

Assim, ao articular contribuições da psicanálise, da linguística multimodal e da pesquisa em Educação Infantil, especialmente os estudos de Parlato-Oliveira (2022; 2024), podemos afirmar que o bebê é um sujeito de linguagem desde o início da vida. O modo de se comunicar desafia os adultos, que precisam desenvolver uma escuta sensível e capaz de reconhecer, nos gestos mais sutis, as bases de sua subjetividade e o início da inserção no laço social.

4 Episódios cotidianos com bebês e a linguagem multimodal

Após situar o problema de pesquisa e destacar a relevância da linguagem multimodal na constituição do sujeito e nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, avançamos para a análise de episódios observados no cotidiano de uma turma de berçário. Tal movimento se ancora na compreensão de que a linguagem, conforme apontam autores da psicanálise e dos estudos contemporâneos sobre a infância, não se restringe à fala verbal, mas se manifesta desde muito cedo por meio do corpo, do gesto, do olhar, do silêncio e do ritmo das interações (Laznik-Penot, 2013; Parlato-Oliveira, 2022).

A escolha dos recortes não pretende esgotar a complexidade das interações entre bebês e professoras, tampouco oferecer generalizações. Por sua vez, trata-se de um recorte qualitativo, e privilegia situações singulares nas quais se tornam visíveis os modos como os bebês se engajam ativamente na comunicação e como tais manifestações são reconhecidas, interpretadas ou, por vezes, silenciadas pelos adultos. Essa opção metodológica dialoga com abordagens que

compreendem o cotidiano como um espaço privilegiado de produção de sentidos e de constituição subjetiva (Souza *et al.*, 2019; Silva; Gramacho, 2020).

Cada episódio selecionado representa uma entrada singular no universo das interações infantis, permitindo compreender como corpo, gesto, silêncio, olhar e movimento instauram diálogos e produzem sentidos compartilhados. À luz da psicanálise, tais manifestações são compreendidas como marcas da inserção do bebê no campo do Outro, no qual o sujeito é falado e significado antes mesmo de falar (Lacan, 2009). Nessa direção, Parlato-Oliveira (2022) enfatiza que a linguagem do bebê excede a fala e exige uma escuta que considere o conjunto das expressões multimodais como forma legítima de comunicação. Para Parlato-Oliveira (2024), o adulto é quem interpreta os dizeres do bebê.

A análise proposta, portanto, não se limita à descrição dos acontecimentos observados, mas busca interpretá-los a partir de referenciais teóricos que sustentam a ideia do bebê como sujeito de linguagem. Com isso, dialoga-se com contribuições de Parlato-Oliveira (2022; 2024; 2025), acerca da importância da qualidade da resposta do adulto, da sustentação do olhar, da entonação da voz e do reconhecimento das iniciativas do bebê para a construção do vínculo e da comunicação na primeira infância.

Nesse sentido, a análise convida o leitor a acompanhar situações que evidenciam: o corpo como prenúncio da fala; o gesto como construção de sentido; e o silêncio como linguagem. As narrativas cotidianas, registradas no diário de campo, constituem a base empírica que sustenta a reflexão e apontam para a necessidade de ampliar a sensibilidade e a formação das professoras da Educação Infantil, de modo que possam reconhecer e legitimar os modos singulares de expressão dos bebês.

Ao término da análise, as questões iniciais do estudo são retomadas — o lugar do bebê como sujeito ativo, a escuta da sua linguagem e o papel das professoras como mediadoras simbólicas — para, então, tecer as considerações finais. Com isso, o objetivo é articular os achados empíricos e teóricos, ao apontar desdobramentos éticos, pedagógicos e formativos para o campo da Educação Infantil, reafirmando a importância de práticas que sustentem o bebê como interlocutor desde o início da vida.

5 O corpo que antecede a fala

Neste episódio, buscamos compreender como o corpo do bebê funciona enquanto dispositivo de linguagem que antecede a palavra, bem como constitutivo da comunicação na primeira infância. Antes da emergência da fala articulada, o bebê já se expressa por meio de movimentos, posturas, tensões, relaxamentos corporais, ritmos e variações tônicas, convocando o adulto à interpretação e à resposta. O corpo, nesse sentido, não é apenas suporte biológico, mas lugar de inscrição da linguagem e da subjetividade.

Durante o momento da alimentação, uma bebê de aproximadamente 11 meses se contorceu levemente na cadeira antes de emitir qualquer som. A professora, atenta, aproximou-se e perguntou com voz suave: "Quer mais ou quer parar?" A criança, então, balançou a cabeça, afastando levemente o tronco. A professora respondeu: "Tudo bem, vamos guardar o prato."

Embora breve, a cena revela a capacidade de o adulto reconhecer os indícios corporais como linguagem, estabelecendo uma escuta sensível que não se antecipa e nem impõe uma interpretação, mas se oferece como hipótese aberta à confirmação do bebê. Tal postura dialoga com as proposições de Parlato-Oliveira (2019), para quem o corpo do bebê é portador de significações que antecedem e estruturam o surgimento da fala articulada. O bebê se comunica primeiro pelo corpo, e a resposta do outro transforma esses sinais em experiência simbólica.

Um bebê olha para o mundo e para seu corpo. Inspeciona com o olhar, com o tato, e por vezes com o paladar, escuta os sons que são produzidos por essa manipulação do mundo e dos sons que surgem, por vezes dirigido a ele por vezes motivado por outras razões que independente de sua existência. (Parlato-Oliveira, 2019, p. 40)

Como destacam Souza *et al.* (2019), esse tipo de leitura é central para o cuidado educativo e clínico com bebês, pois valoriza a iniciativa expressiva do sujeito infantil e legitima suas manifestações como formas autênticas de comunicação. Ao reconhecer e responder ao gesto corporal, o adulto possibilita ao bebê a experiência de ser compreendido, fortalecendo o vínculo e contribuindo para a constituição da confiança no outro.

Do ponto de vista psicanalítico, o episódio também evidencia como o corpo do bebê se constitui como uma linguagem anterior e fundante em relação à fala verbal. Os movimentos corporais — esticar-se, impulsionar-se, tensionar e relaxar — não são apenas reações motoras, mas verdadeiros enunciados endereçados ao outro. Conforme aponta Lacan (2009), é no corpo que se inscrevem as primeiras marcas do desejo e da relação com o Outro, sendo ele o primeiro suporte da linguagem.

A sequência da análise demonstra um encadeamento multimodal: o balançar da cabeça e o afastamento do tronco se combinam como recursos comunicativos complementares. Assim, a bebê convoca a professora a decifrar esse conjunto de sinais, e só encontra alívio quando a demanda é reconhecida e acolhida. Trata-se, portanto, de um diálogo sem palavras, mas pleno de sentido, no qual o bebê ocupa o lugar de interlocutor.

Do ponto de vista pedagógico, a cena levanta a questão: até que ponto as professoras reconhecem o corpo como linguagem legítima, e não apenas preparação para a fala verbal? A escuta atenta do corpo implica compreender que cada gesto, movimento ou alteração tônica pode conter uma mensagem que demanda interpretação, acolhimento e resposta.

O episódio evidencia que o corpo não apenas antecede a fala, mas a funda, inaugurando a possibilidade de diálogo e constituindo o bebê como sujeito de linguagem desde muito cedo. Se

segundo Parlato-Oliveira (2019), ainda não sabemos ao certo como escutá-los de forma apropriada, devemos ao menos ter a disposição para tentar e ir ao encontro dele. Essa compreensão exige do adulto uma postura ética e sensível, capaz de traduzir e responder às primeiras formas de comunicação, sustentando o bebê em sua condição de sujeito desejante e comunicante.

6 O gesto como construção de sentido compartilhado

Neste episódio, o foco recai sobre os gestos do bebê como atos comunicativos que instauram trocas e partilhas de significados. O gesto não é compreendido como mera ação motora ou descarga corporal, mas como ato relacional que aponta, oferece, convoca e chama o outro à cena da interação. Ao gesticular, o bebê endereça a ação ao adulto, solicitando resposta, reconhecimento e continuidade do vínculo.

Em outro momento, durante a exploração de instrumentos musicais no chão da sala, uma bebê de 10 meses batia o instrumento na mão e balançava o corpo para frente e para trás vocalizando alguns gritos, a professora atenta começou a cantar uma música que ela identificou que poderia ser a do pintinho amarelinho por ser um gesto que a professora fazia ao cantar a música para as crianças. A criança sorri e continua repetindo o mesmo movimento e balançando seu corpo enquanto a professora cantava a música várias vezes.

A cena observada evidencia a potência comunicativa do gesto enquanto forma de linguagem multimodal. O movimento rítmico do corpo, a manipulação do instrumento e as vocalizações não se apresentam como ações isoladas, mas como conjunto expressivo que solicita leitura e interpretação. Logo, o gesto do bebê se configura enquanto proposta de interação, aberta à resposta do outro.

A resposta da professora se aproxima do conceito de intercompreensão, conforme formulado por Ávila-Nóbrega e Cavalcante (2012), entendido como a construção conjunta de sentidos entre dois sujeitos, mesmo quando a linguagem verbal ainda não está estabelecida. Ao associar o gesto do bebê à música do pintinho amarelinho e iniciar o canto, a professora não impõe um significado, mas oferece uma interpretação possível, sustentando um espaço de diálogo multimodal.

Esse diálogo se organiza por meio do corpo, do som, do ritmo e da repetição. O gesto inicial do bebê encontra eco na voz da professora que, ao cantar, devolve ao bebê sua própria ação transformada simbolicamente. A continuidade do movimento corporal e o sorriso da criança indicam que houve reconhecimento e partilha de sentido, de maneira a instaurar um circuito comunicativo marcado pelo prazer e pela reciprocidade.

Do ponto de vista psicanalítico, o gesto pode ser compreendido como um ato que convoca o Outro, instaurando uma cadeia de significações que só se completa na relação. Conforme apontam Laznik-Penot (2013) e Parlato-Oliveira (2022), a linguagem do bebê se constitui na

resposta do adulto, que, ao escutar e responder, legitima o bebê como sujeito de desejo e comunicação. Assim, o gesto não é apenas um índice de ação, mas uma marca simbólica que cria laço.

Mas para escutar estas falas do bebê é preciso não somente estar atento, mas sobretudo estar disposto a reconhecer que linguagem não é sinônimo de fala, e que ela se revela também pela fala, mas não só, que ela está presente também nos gestos, no olhar, na sucção, no tônus, nos movimentos por vezes inarticulados de prazer e de sofrimento e no ritmo que embala cada uma dessas produções, tornando-as singulares, expressões de um sujeito. (Parlato-Oliveira, 2019, p. 85)

O desfecho da cena — a repetição do gesto, o sorriso e a manutenção do ritmo enquanto a professora canta — revela que a comunicação não se limita à transmissão de uma mensagem direta, mas envolve jogo, ambiguidade, repetição e prazer compartilhado. Nesse contexto, o gesto é simultaneamente linguagem e brincadeira, além de produzir uma experiência intersubjetiva que pode se expandir para o grupo.

Do ponto de vista pedagógico, o episódio evidencia a importância de reconhecer o gesto como construção de sentido, e não apenas como sinal funcional ou utilitário. Muitas vezes, gestos infantis são reduzidos a pedidos imediatos. No entanto, como se observa neste caso, o gesto pode inaugurar cenas lúdicas, jogos simbólicos e experiências de linguagem que contribuem diretamente para o desenvolvimento comunicativo e a constituição dos vínculos afetivos.

O mundo é um grande desafio para o bebê, mas ele realiza desde seus primórdios, criações que tornam os desafios em saberes, que lhe possibilitam interagir com o outro, conhecer o mundo e fazer-se sujeito (Parlato-Oliveira, 2025, p. 30)

Logo, o desafio colocado às professoras é sustentar esse espaço de interpretação e diálogo, evitando respostas apressadas que empobrecem a riqueza expressiva do gesto. Ao cantar junto com o bebê e acompanhar sua ação, a professora não apenas acolheu a comunicação, mas fortaleceu um vínculo marcado por prazer, continuidade da interação e reconhecimento do bebê como sujeito de linguagem. Segundo Batista (2024, p. 94) “a creche seja um espaço onde Olhar-Falar-Tocar-Escutar sejam atos que compõem o currículo de bebês e seus saberes”.

7 A escuta do silêncio e da ausência de resposta verbal

Neste episódio, evidencia-se a dimensão do silêncio não como ausência de linguagem, mas como parte constitutiva dela. Na comunicação do bebê, o silêncio, assim como a não resposta imediata, pode carregar significados diversos — espera, atenção, recusa, concentração, elaboração subjetiva ou afeto. Trata-se de uma linguagem que exige do adulto uma escuta sensível, capaz de sustentar o tempo do bebê sem antecipar ou preencher seus gestos.

Durante o momento da troca de fralda, uma professora falava com uma criança de 10 meses, nomeando cada etapa do cuidado. A bebê não emitia sons, mas mantinha os olhos fixos na professora, respondendo com movimentos sutis da cabeça e das mãos. A professora, sem interromper sua fala suave, ajustava os movimentos conforme as reações do bebê, respeitando pausas e evitando toques bruscos.

A cena ilustra o que Cavalcante e Faria (2015) chamam de atenção conjunta multimodal — uma sintonia entre adulto e bebê que não depende da fala, mas da combinação de pistas sensoriais e corporais. A ausência de vocalizações por parte do bebê não configura um vazio comunicativo, mas um campo de sentidos sutis que se expressam pelo corpo e pela presença atenta.

Como destacam Garanhan e Nadolny (2015), o corpo do bebê comunica por meio da respiração, da tonicidade muscular, do olhar e do ritmo das ações. Quando o adulto consegue entrar nesse compasso, respeitando pausas e modulando seus gestos, não apenas qualifica o cuidado, mas também sustenta a construção do vínculo e da confiança. No episódio em questão, a professora mantém a fala suave, ajusta os movimentos às reações do bebê e evita toques bruscos, demonstrando uma escuta que se orienta pelo corpo do outro.

O silêncio do bebê, longe de indicar desinteresse ou passividade, revela-se como presença atenta e engajada. O olhar fixo na professora e os movimentos discretos da cabeça e das mãos indicam participação ativa na interação. Estudos clássicos sobre a comunicação precoce indicam que o bebê participa ativamente das trocas interacionais desde muito cedo, mobilizando olhares, gestos e ritmos próprios de resposta.

Trevarthen (1979) destaca que essas trocas se organizam a partir de uma intersubjetividade primária, na qual o bebê já se envolve com o outro de modo intencional, antes mesmo do surgimento da linguagem verbal. Stern (1992), por sua vez, evidencia que os encontros iniciais entre bebê e adulto são marcados por sintonias afetivas e temporais, nas quais os sentidos são construídos na relação, sustentados por movimentos, expressões e tempos compartilhados, independentemente da fala articulada. Nesse sentido, o silêncio funciona como um modo de linguagem que expressa concentração, contemplação e inscrição subjetiva na cena relacional.

Do ponto de vista psicanalítico, o silêncio pode ser compreendido como um espaço de elaboração, o que é condição necessária para a emergência da linguagem. Para Winnicott (1975), é na sustentação do espaço potencial, marcado por pausas, ritmos e intervalos, que o sujeito pode se constituir e criar. O silêncio, assim, não é ausência de sentido, mas um intervalo possível de significação, que convoca o outro à escuta e à interpretação, tal como aponta Lacan (1964), ao afirmar que o sentido se produz também nos hiatos e nas falhas da fala. Sustentar esse silêncio implica reconhecer que a linguagem do bebê não se limita ao que é audível ou visível, mas se manifesta também nas pausas, nos tempos e nos ritmos da interação, exigindo do adulto uma escuta sensível e ética (Larrosa, 2002).

A postura da professora — ao respeitar o tempo do bebê, ajustar seus gestos e manter uma presença contínua — constitui um verdadeiro ato de escuta do não-dito. Ao não exigir respostas imediatas nem preencher o silêncio, ela possibilita que o bebê se sinta incluído e reconhecido como interlocutor, mesmo sem recorrer à fala verbal.

A cena coloca em questão a capacidade de as professoras sustentarem o silêncio como expressão legítima. Muitas vezes, no cotidiano institucional, o impulso pedagógico é preencher rapidamente os vazios, solicitando respostas ou interpretando o silêncio como desatenção. No entanto, reconhecer o silêncio como linguagem exige sensibilidade, paciência e respeito à singularidade do bebê.

Do ponto de vista pedagógico, valorizar o silêncio implica compreender que a comunicação na primeira infância não se reduz ao visível e ao audível. O silêncio pode ser tempo de escuta, de observação e de elaboração subjetiva, devendo ser reconhecido como parte integrante do processo de construção de vínculos e sentidos na Educação Infantil.

Para Batista (2024), cabe à professora interpretar e dirigir uma fala ao bebê em relação ao que ele disse a ela, por meio do balançar da cabeça, do afastamento do tronco, do bater do instrumento na mão, do balançar o corpo para frente e para trás, do vocalizar alguns gritos, dos olhos fixos na professora, dentre outros. Ou a fala do bebê não é interpretada e/ou cai no vazio da ação pela ação de cuidar para suprir a mera necessidade biológica.

Os episódios analisados demonstram que, no cotidiano da Educação Infantil, a linguagem multimodal não é uma alternativa à fala, mas o modo privilegiado de expressão e relação na primeira infância. As respostas sensíveis dos adultos funcionam como espelhos simbólicos, nos quais o bebê se reconhece e se constitui enquanto sujeito de linguagem, desde muito antes da palavra.

A importância de olhar para o bebê sujeito por ser dotado, segundo Parlato-Oliveira (2024, p. 112) “de intencionalidade; de uma linguagem multimodal; de uma capacidade interpretativa; de um saber perceptual multimodal sobre o que se apresenta aos seus sentidos; de uma capacidade de construção e criação de saberes sustentada por estas quatro condições subjacentes e de um aparelho psíquico complexo”. Dessa forma, compreender o bebê como sujeito de linguagem implica deslocar práticas pedagógicas centradas na antecipação da fala verbal para uma ética da escuta que reconhece a complexidade das expressões corporais, gestuais, afetivas e silenciosas que atravessam as interações cotidianas.

Ao reconhecer a intencionalidade e a capacidade interpretativa do bebê, o adulto assume uma posição de interlocutor implicado, responsável por sustentar espaços de diálogo em que o cuidado e a educação se entrelaçam na produção de sentidos. Tal perspectiva reafirma a Educação Infantil como um campo privilegiado de constituição subjetiva, no qual cada gesto, olhar ou silêncio do bebê convoca o outro à interpretação, à resposta e ao reconhecimento, permitindo que o laço se construa como fundamento do desenvolvimento psíquico, comunicativo e relacional desde os primeiros meses de vida.

8 Considerações finais

A partir dos episódios selecionados, a análise das interações multimodais entre bebês e professoras permite evidenciar a riqueza comunicativa que se manifesta no cotidiano das instituições de Educação Infantil. Gestos, olhares, movimentos, silêncios e vocalizações se revelam não apenas como expressões transitórias ou preparatórias para a fala verbal, mas como formas legítimas de linguagem carregadas de sentido e de potência relacional. Nesse cenário, o bebê emerge como sujeito ativo na produção de vínculos e significados, convocando os adultos à escuta e ao reconhecimento de sua presença como interlocutor desde muito cedo.

Os episódios analisados demonstram que a qualidade da escuta dos profissionais é determinante para constituir experiências educativas que integrem cuidado, aprendizagem e vínculo. Quando as manifestações multimodais dos bebês são acolhidas e interpretadas, instauram-se diálogos singulares que fortalecem a confiança, favorecem a constituição subjetiva e ampliam as possibilidades de comunicação. Por outro lado, quando tais expressões são ignoradas, apressadas ou reduzidas à expectativa da fala verbal, corre-se o risco de silenciar formas fundamentais de linguagem e empobrecer a experiência infantil, restringindo o bebê a um lugar passivo nas interações cotidianas.

Ao articular fundamentos da psicanálise com observações qualitativas do cotidiano institucional, este trabalho buscou não apenas descrever cenas, mas problematizar as práticas pedagógicas que se constroem no encontro entre bebês e professoras. As análises evidenciam que a linguagem multimodal exige do adulto uma postura de abertura, sensibilidade e disponibilidade para interpretar o que se expressa para além da palavra. Nesse sentido, torna-se imprescindível investir em processos formativos que reconheçam a complexidade da comunicação na primeira infância e que sustentem a escuta do corpo, do gesto, do ritmo e do silêncio como dimensões constitutivas da linguagem.

Compreender o bebê como sujeito de linguagem desde os primeiros meses de vida não se configura apenas como uma escolha teórica ou metodológica, mas como um posicionamento ético e político diante da infância. Reconhecer e acolher as linguagens emergentes dos bebês é afirmar o direito da criança de ser escutada, respeitada e considerada em sua singularidade, mesmo quando ainda não dispõe da fala verbal para a própria expressão.

Assim, reafirma-se que a Educação Infantil, ao integrar cuidado e aprendizagem, deve se constituir como um espaço de escuta, diálogo e produção de sentidos compartilhados. Um espaço onde cada gesto, olhar, movimento ou silêncio encontre lugar de reconhecimento e significação, permitindo que o bebê se inscreva no laço social como sujeito de desejo, de linguagem e de relação. Ao sustentar essa perspectiva, as práticas pedagógicas contribuem não apenas para o desenvolvimento da linguagem, mas para a construção de experiências fundantes de pertencimento, alteridade e humanização na infância.

Referências

- ÁVILA-NOBREGA, P. V.; CAVALCANTE, M. C. B. O envelope multimodal em aquisição de linguagem: momento do surgimento e pontos de mudanças. *In*: CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra; FARIA, Evangelina Maria Brito de (orgs.). **Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, p. 11-44.
- ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinícius; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Aquisição de linguagem em contextos de atenção conjunta: o envelope multimodal em foco. **Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 469–491, set. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/18782>. Acesso em: 01 ago. 2025
- BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **O bebê e a creche: direitos e proposições**. São Paulo: Instituto Langage, 2024.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v., (não tem especificando na revista) n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 01 jan. 2026.
- GARANHANI, Marynelma Camargo; NADOLNY, Lorena de Fátima. A Linguagem Movimento na Educação de Bebês para a Formação de Professores. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1005-1026, dez. 2015. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432015000401005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 ago. 2025.
- GARANHANI, Marynelma Camargo; NADOLNY, Lorena de Fátima. O movimento do corpo infantil: uma linguagem da criança. *In*: Universidade Estadual Paulista; Universidade Virtual do Estado de São Paulo (org.). **Caderno de formação: formação de professores: Educação Infantil: princípios e fundamentos**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Unesp; Univesp, 2011. p. 65-74. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/337954/1/caderno-formacao-pedagogia_8.pdf. Acesso em: 22 fev. 2019.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LACAN, Jacques. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- LAZNIK-PENOT, Marie Christine. **A hora e a vez do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2013.
- LAZNIK-PENOT, Marie Christine. **Clínica de bebês: litoral entre psicanálise e neurociência**. São Paulo: Martins Fontes, 2021.
- LAZNIK-PENOT, Marie Christine. **Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise**. São Paulo: Escuta, 1997.
- LAZNIK-PENOT, Marie Christine; COHEN, David. **O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa**. São Paulo: Instituto Langage, 2011.
- PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Fundamentos para uma clínica psicanalítica do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2024.
- PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **O bebê e as tramas da linguagem**. São Paulo: Instituto Langage, 2022.
- PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do bebê I**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do bebê II**. São Paulo: Instituto Langage, 2025.

SILVA, Mariane Valentim da; GRAMACHO, Ana Paula. Psicanálise com bebês: é possível uma intervenção precoce?. **Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 218–228, jul. 2020. Disponível em: <https://revista.sbpdepa.org.br/revista/article/view/765>. Acesso em: 01 ago. 2025

SOUZA, Ana Paula Ramos de *et al.* Linguagem, cognição e psiquismo: análise do brincar de dois bebês com histórico de sofrimento psíquico. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 84–97, jan. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i1p84-97>.

STERN, Daniel. **O mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TREVARTHEN, Colwyn. Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity. In: BULLOWA, Margaret. (ed.). **Before speech: The Beginning of Human Communication**. London: Cambridge University Press, 1979, p. 321-347.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Contribuições dos Autores (CRediT):

Thaís Rodrigues Miranda Martello: Conceitualização; investigação; análise formal; escrita; rascunho original.

Cleide Vitor Mussini Batista: Conceitualização; metodologia; análise formal; escrita; revisão e edição; supervisão.

Conflitos de Interesses:

Conforme a política editorial da revista, as autoras declaram não haver quaisquer relações pessoais, profissionais, financeiras ou acadêmicas que possam ser interpretadas como influência nos métodos, resultados ou discussões apresentadas neste manuscrito.

Financiamento:

Esta pesquisa não recebeu financiamento.

Aprovação ÉTICA:

Não se aplica.

Agradecimentos:

Não se aplica.

Como citar este artigo (ABNT):

MARTELLO, Thaís Rodrigues Miranda; BATISTA, Cleide Vitor Mussini. A comunicação para além das palavras: linguagem multimodal e interações na educação infantil. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 16, e162605, p.1-15, jan/dez. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2026.16.11094>. Acesso em: [inserir data de acesso].

Editor Responsável:

Deivid Alex dos Santos.